



Romance

CRIME IMPROVÁVEL

LUIZ CARLOS CARDOSO

«Ela o leva à periferia selvagem da metrópole, no combate letal com um inimigo que outros inventaram.»

FICÇÕES

LUIZ CARLOS CARDOSO

CRIME IMPROVÁVEL



© *Luiz Carlos Cardoso*

Projeto gráfico: *Alonso Alvarez*

Revisão: *Luiz Carlos Cardoso*

Foto (capa): *Paula Huven*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

As situações e os personagens desta obra são ficcionais.
Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, sem permissão do detentor do copyright.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

(Elaboração: Aglaé de Lima Fierli, CRB-9/412)

Cardoso, Luiz Carlos, 1939 -

Crime improvável/ Luiz Carlos Cardoso. 1ª ed. São Paulo:
Ficções Editora, 2010.

Romance selecionado pelo ProAC nº 15/2009 – SÃO PAULO

ISBN: 978-85-62226-07-6

1. Literatura brasileira – Romance. 2. Romance brasileiro
Moderno. 3. Romances Modernos. I. Título.

C 264c

CDD – B869.35

Índices para catálogo sistemático:

Literatura Brasileira : Romance	B869.3
Romance Brasileiro : Literatura	B869.3
Romance Moderno : Romance Brasileiro	B869.35
Luiz Carlos Cardoso : Autores Brasileiros	B869.09

2010

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA LTDA.

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3881-4094

www.ficcoes.com.br | editora@ficcoes.com.br

*Sonhou que ela o levava embora e que, quando estavam longe,
bem longe, ela lhe dizia não conhecer o caminho de volta, que
ele também, afortunadamente, desconhecia.*

Raul Drewnick

A José Cardoso, promessa cumprida.

CRIME IMPROVÁVEL

Diana era sensacional.

Quando me decidi a escrever esta história, prometi a mim mesmo começá-la assim, com a declaração sobre Diana. Cumpro.

E considerem que ela veio do colossal pedaço paulistano de Santo Amaro, de uma vila como tantas. Modesta, certamente, com casas em que a porta da rua, de grade sobreposta, abre direto na calçada, e outra grade fixa aprisiona a janela. A cada oitenta metros se veem sinais de uma prosperidade peculiar na forma de anexos – os “puxadinhos”, para cima, ou para o lado, ou para o fundo.

Exemplo da situação ali era, ainda é, o da filha adolescente grávida que inspira criar espaço para mais habitantes. No anexo nem terminado, de tijolão exposto e telhado de amianto, abrigam-se a menina com seu bebê em preparo, o menino quase pai resignado a assumir o que aprontou, a jovem mãe também solteira desse pai. Brigas explodem na casa ampliada, porque há cachorros anexados mordendo os de antes, pessoas irritadas no convívio restrito a banheiro único, sempre com um necessitado a bater na porta. Especialmente, briga-se porque cresceram as bocas famintas e, é inevitável, alguém deu de beber além da conta.

Já a casa de Diana ficava em melhor trecho e era de melhor padrão, mas para alcançá-los cruzava-se o pior, um sub-bairro de aridez hostil onde cachorros, eles sempre, latiam ao barulho do motor forasteiro. Na primeira vez em que fui, anoitecia, tive de corrigir o rumo com manobras lentas passando por carros cujos donos espivavam detrás das grades, ai de mim se na lata repintada encostasse minha lata. Cães se assanharam e fiz uma piada: “A noite latente-rosnante”. Pois, quando tenso, distraio os nervos inventando frases tolinhas.

Falo do local e da casa de Diana, cometo uma injustiça. Devia falar, sim, de Maria Laura. Porque Maria Laura é que era a minha namorada e eu a amava.

Para chegar na primeira vez, levei um mapa desenhado por Maria Laura com a minúcia de quem não quer o amado exposto a risco e pouco me valeu: rondou-me o drama do rapaz de Manhattan em *Fogueira das vaidades*, que errou o caminho, adentrou o Bronx, atropelou um “afro” e fugiu. Enganei-me numa esquina, prossegui enganado por outras; mesmo assim não fui ameaçado, não atropeliei e fugi discreto, ligeiramente aflito apenas.

Lembro que pensei, com a desconfiança de quem perde a rota do mapa e ainda na intenção da piada tolinha: “E se me acontecer casar com a garota do Nhocuné, cair na teia desta Grande Santo Amaro?”.

Casei com a garota, Maria Laura.

Na noite primordial da ida ao território de Maria Laura conheci Diana, menininha de saia vermelha, lábios vermelhos e escorridos cabelos castanhos. Terei casado com Maria Laura porque Diana existia? Ela deu-me a mão de um lado, Maria Laura de outro, quando a família unida enveredou mostrando a casa, até a suíte no quarto da frente que depois teria banheira de luxo no Nhocuné, pode? Até a edícula-adega do quintal que enchia Jojô de orgulho. Terei casado porque era doce o contato da mão diminuta de Diana?

Não, eu amava Maria Laura.

Está confuso isto? Pode estar, nunca escrevi romance e me disseram que a primeira página é importante. Nela se fisga ou não o leitor e, se não se fisga, adeus: ele, que lê o livro na *mega-store*, deixa-o e pega outro com página mais hábil. Como quero fisgá-lo e pôr alguma “intrigância” ao jeito de isca, joguei no parágrafo de abertura a sensacional Diana, conforme a promessa de fazê-lo, e adiante a amada Maria Laura, mas logo ficará tudo explicado, mesmo esse negócio de Nhocuné naquelas bandas e Jojô naquela casa.

Não me abandone ainda, ó leitor.

Assinado, F. Ou melhor, Fi.

PODE SER?

Começo verdadeiramente esta história numa manhã de outro sábado, anos depois desse em que um pouco me perdi e cães latiram. Pelas dez horas, eu lia o jornal do dia na cama antes de dormir e ouvi agitação no térreo do sobrado, com vozes alegres se atropelando. Eram as crianças, era Maria Laura, era o cão da casa, um vira-lata chamado Cassius também dado a latir de noite e que tinha gana de morder pobres na rua, só os pobres. E era, surpresa espantosa,

Diana. Diana de mala e cuia!

Treze anos mais nova que Maria Laura, ela era a irmãzinha temporã, com dezenove menos que o cunhado, eu. Estava então nos seus dezessete e no esplendor do sensacionalismo.

Mas eu na cama, no quarto do fundo do andar de cima, eu desprevenido não conseguia distinguir que de Diana se tratava. Trazia a cabeça cansada, considere-se, e era apanhado na completa ignorância da novidade. Assim como muitas pessoas costumam lembrar do que exatamente faziam quando, por exemplo, um avião e depois outro penetraram, mísseis flamejantes, nas torres de Nova York, o segundo desses ao vivo na televisão, eu revejo o episódio mais remoto da chegada de Diana em pormenores capazes de surpreender estudiosos da mente humana. Lia um editorial do *Estadão* e posso jurar que estava no meio do seu terceiro parágrafo, na palavra “desídia”. Sei também do assunto tratado e que vinha num fluxo de argumentação de tirar o fôlego, quase sem vírgulas.

Na época eu fazia essas leituras exóticas, um editorial, e mesmo lia o obituário em outro jornal que registrava a causa da morte das pessoas, uma nobre editoração não entendo por que hoje abandonada. Lia o nome, a idade, esforçava-me por adivinhar de quem se tratava, seria este Camargo irmão de um que conheci com primeiro nome começado também em dablíú? E queria a causa, só revelada como norma nesse jornal. Se fosse infarto, ou derrame, ou insuficiência respiratória, falência múltipla, aneurisma, embolia, acidente vascular, acidente de carro, suicídio, crime, eu sentia como que um alívio, sem esquecer o respeito humano pelo de cujus. Com frequência, aliás com muita frequência, era câncer, e nesse caso uma emoção temerosa me oprimia o peito, uma dor de bico-de-papagaio me dava a certeza, não obstante a minha saúde aparente, de que...

Mas deixemos disso. Que leitor posso fisgar se nas primeiras páginas ponho uma relação de causas-mórtis? Diana está chegando e é melhor falar de flores. As belas livrarias de hoje oferecem poltronas confortáveis, cheiros bons, música suave, cafezinho com chocalatinho de brinde, gente educada – preciso segurar o cliente que lançou mão do meu primeiro livro antes que me bote de lado e recorra a uma biografia de cantor repleta de fotos nostálgicas ou a um coloridíssimo receituário de doces, desses que no domicílio do consumidor rico não se perfilam em estante mas repousam horizontais na sala de estar sobre a mesinha de canto. Sou admirador de livros em pé e quero que você fique comigo, leitor, que me ponha na honrosa companhia dos que se perfilam na sua estante.

Eu estava de pijama curto, calcei os chinelos e me dirigi à porta próxima da beira da escada para especular a razão do alarido embaixo. Se fosse um parente chato, como os há numerosos em toda família, poderia voltar ao quarto pisando leve, fechar a porta e me declarar no sono matinal profundo do guarda-noturno.

Era, já se sabe, Diana, Diana, Diana! Por Diana eu desceria aos infernos, por que não em passos joviais da escada que fazia um cotovelo desembocando justo onde ela festejava com os meninos a sua chegada? Desci em expansões de “Diana querida!” e seria impossível maior sinceridade.

Ela olhou-me e havia uma expectativa insegura na maneira como disse o seguinte antes, enquanto e depois de me beijar:

– Fi, Ma, vim para ficar uns dias. Pode ser?

Fi sou eu, Luís Filipe. E sou Fi numa criação dela aos seis aninhos, portanto Fi com lastro histórico. Ela ali queria dizer que vinha para morar um tempo conosco, no estreito quarto da frente que bem conhecia. Tinha ligado na noite anterior para Maria Laura falando disso, mas eu, guarda-noturno na avenida Marginal do Tietê, ainda não fora informado.

– Pode ser? – foi o que Diana disse, e tive a habilidade de responder “claro que pode” com simpatia mas sem entusiasmo de cunhado babão. Sabia-se havia algum tempo na família que ela não se entendia à maravilha com o pai do Nhocuné. Começava a ter namorado e o homem, que anos antes me vigiara pelas frestas e bordas com a cuidadosa Maria Laura, agora mais ranzinzadamente o fazia com a caçula, cobrava-lhe horários, atormentava dona Márcia, sua esposa e adorável mãe das garotas, sobre o que via e não via, o que intuía. E realmente especialista em intuições no casal não era o marido, era dona Márcia. Ele guiava-se por essas embora tivesse opiniões próprias mais radicais.

Diante da vigília cerrada do pai e de outras implicâncias contrárias a seu livre espírito, somadas ao pretexto de ficar perto do cursinho que faria e da faculdade em que entraria, eis Diana aportando em casa naquele sábado para permanecer, não apenas para acompanhar os meninos em tarde de Playcenter como até então fora costume.

Um dia, dez anos atrás, quando era uma Dianinha que espalhava lascas de lápis apontado nos meus cabelos e eu fingia não perceber para seu gozo sapeca, ela dissera a Maria Laura que gostava mais de Fi que de Jojô, sendo Jojô o pai Jorge. Eu já posava de animado otário dessas sapequices, reagindo perplexo por não atinar com quem desamarrara meus sapatos estando esses nos pés, mas aquilo me comprou para sempre e pôs fim a qualquer dúvida: Fi casaria com Maria Laura e ganharia de brinde a cunhada, não havendo aí

nenhuma intenção malévola. Porque Fi amava Maria Laura e achava Diana sensacional, ponto.

O que dizer então a uma Diana de dezessete anos reconhecidamente inquieta, voluntariosa, perguntando-me submissa “pode ser?”? Fosse o que fosse que lhe respondesse, fundamental era não o fazer como quem baba ao lado de Maria Laura.

Ela foi conduzida ao quarto onde já dormira várias vezes, fronteiro à rua e pegado a outro maior em que se acumulavam livros trazidos pelo guarda-noturno num insano esforço até físico. (Dias antes, por exemplo, ele – eu – havia chegado com duas sacolas brutais, butim de um saldão de janeiro que lhe custara dores musculares por três dias. Mas chegou eufórico e apreciou as dores como quem fortalece bíceps em academia e compra baratinho a alta cultura, ou seja, cresce nos braços e nos miolos.)

Havia anos ela vinha dizendo que dormia divinamente naquele quarto abafado, frio demais no inverno, quente demais no verão. “Mas aparecem baratas aí”, lhe foi dito não por mim, e ela, como todos na família de lá e de cá, tinha horror desse bicho a ponto de não dormir se houvesse a suspeita de sua presença a brotar de recantos úmidos, a profanar mesmo o inviolável seco e limpo – mesmo, uma vez, o interior para si inóspito da geladeira. Nessa casa desenvolvi a habilidade que mantenho de descobrir baratas com o mais lateral rabo-do-olho, como se o asqueroso animalzinho escuro portasse lâmpada de aviso.

Pois não é que, numa estada anterior de poucos dias e também num verão multiplicador de insetos, Diana se pôs ativa em transformar aquilo no *seu* cantinho, com resultados mágicos de extinção das repugnâncias na casa inteira? E seu cantinho ganhou o frescor da dona enquanto o habitou, com mimosos retratos infantis da sua biografia pelas paredes (Fi mais jovem figurava simpático num). Na tarde em que se foi de volta ao Nhocuné, partindo de carro com Maria Laura e as crianças, instalei-me ali num descanso de guarda-noturno e achei tudo delicioso, senti-lhe o corpo juvenil junto a mim na cama e, para além do corpo, o espírito, a graça inefável de Diana. Tinha levado os retratos e ainda assim eu os “via”, remanescentes dessa graça.

Realmente existe o Nhocuné, sabem-no os paulistanos, só que não na Grande Santo Amaro e sim no longínquo da zona leste, e existiam as minhas lacunas de sono do noctívago, mas eu não era guarda, era revisor. Revisor dos originais na redação da revista, também chamado por alguns copy-desk e por outros preparador de texto.

Atuava de segunda a sexta raiando pelo sábado numa publicação sema-

nal de informações, vigilante essa em denúncias que, no correr dos anos, dão ao leitor a certeza de ser irremediável a rapinagem no país. Naquele tempo as denúncias, não sendo tantas, já revelavam a disposição oficial de pilhar o erário que hoje engolimos com o café de toda manhã e passamos o dia vendo na tela do monitor.

Na noite de sexta, fechamento da edição, ia-se até o sol alto de sábado na sucessão de textos extensos, boxes, gráficos, legendas, reposições, acréscimos, correções, primeiro num turbilhão, depois num pingar constante e enfim nos rescaldos, não podendo o revisor se retirar antes do finalíssimo ponto. Estivesse ele no banheiro para um rápido xixi ou uma água estimulante na cara e alguém vinha buscá-lo, urgia voltar à mesa. Faltasse um crédito de fotografia, desses que entram minúsculos na sua lateral, e Filipe, eu, ali permanecia, nessa hora já guarda diurno pois amanhecera.

No verso da lauda final de cada matéria competia-me assinar e no pé de toda página rubricar, assumindo a responsabilidade por erro que acabasse impresso. Fazia nas páginas um F de inconfundível traçado que até o redator-chefe conhecia. Tive por isso um dia de quase fama, segundo me foi informado: com malíssimo humor agravado por erro na revista já nas bancas, o chefe maior da redação cometeu sua chula interpretação do que significava o F ao indicá-lo na lauda original – para em seguida, ao riso dos subordinados que celebraram seu veloz e fino espírito, ficar de bom humor lembrando-se de mim como pessoa anterior à rubrica. Era eu “aquele que senta lá, cabeludo assim, assim, põe os óculos, tira os óculos e fode a matéria”.

A noitada de fechamento se arrastava e no intervalo de uma lauda para outra (foi um período de despedida do papel datilografado para começo do computador) dormia-se fugazmente sentado, comia-se ligeiramente bolacha, bebia-se muito café, sofria-se queimação gástrica e já no claro da manhã cultivava-se uma premente ereção sob a mesa de trabalho. Os redatores e diagramadores escasseavam, o bruaá apaziguava, se extinguiu; tinham ido embora os de dever cumprido. Chegava de súbito, sem que se percebesse a sua entrada, o pessoal menos teórico e mais ativo da limpeza com suas enceradeiras trombando nos móveis, e havia uma saltitante moçoila de canelas finas que cantarolava – e eu gostava disso no cultivo da premência.

Sobravam jornais já do sábado, recolhidos e levados por mim para a leitura na cama antes de dormir. Tomava-me uma excitação mental que a manhã ensolarada favorecia e eu me sentia esplêndido à luz matinal que entrava pelos janelões, cheio de planos de combater corruptos e amar mulheres lindas. Tinha um Gol de segunda mão ou terceira, simpático carro de revisor que nunca quebrou em momentos aflitivos, porém com o sestro de a cada

trimestre apresentar algum pneu murcho. No pátio da empresa, numa manhã de sábado, como demoro nunca menos de quarenta minutos para trocar pneu, recorri aos guardas alegando problema de coluna, minha coluna, e um deles, Wagner, fez isso em três minutos e doze segundos, incluindo a reposição do estepe murcho!

Na cama às nove ou dez da manhã, o banho tomado e bebido o café, dava-me ao prazer de percorrer os jornais com voracidade de quem quer saber tudo – menos turfe, que nunca li. Se a colheita na redação havia sido boa, bebericava nos dois de São Paulo do dia e em quantos mais da sexta-feira tivesse trazido, do Rio, de Minas, de Brasília, do Sul. Às vezes, como fazem os autênticos vigilantes noturnos, só dormia depois de almoçar.

Pois bem, naquele sábado da chegada de Diana em que ela me disse “pode ser?”, cumprido o ritual de sempre, eu na cama com cinco jornais, não li nenhum além dos dois parágrafos e meio de editorial que lera antes. Pensei em Diana, a menininha que conheci e que preferia Fi a Jojô. Tínhamos uma espécie de cumplicidade mutuamente provocadora, de que já falei mas adoro lembrar, essas coisas de tio alegrinho que puxa escondido o cabelo da sobrinha e finge inocência, para depois ela retribuir chutando-lhe a canela por sob a mesa do almoço de domingo, ele a se fazer de intrigado sobre de quem teria vindo o malfeito. Diana, querida, os toques embaixo da mesa, como então os recordei comovido e me comovem ainda na mera recordação, todos os toques, tantos anos passados!

Nada dessas maquinações pedófilas que a televisão reporta para o escárnio de hediondos, oh, não. Diana era uma adorável garota inteligente e eu o namorado, depois o noivo, depois o marido de sua irmã, em situação igual à de muitas famílias que guardam no álbum flagrantes fotográficos do ciclo em que filha e adventício começaram por se esfregar na casa para em seguida dormir juntos ali, pois já se convencionou que vão mesmo casar e que “é assim hoje em dia”, conforme a explicação dada pela mãe ao pai da moça, o qual resiste a assimilá-la – mas assimila depressa e muda seus hábitos para não incomodar.

Até meu sogro Jojô mudou, faça-se-lhe essa justiça, e certa vez tratou de fechar direito uma porta para dentro de cuja abertura se emitiam murmúrios de amor não obstante a sempre cuidadosa discrição de Maria Laura.

Quando casamos, ela e eu, a adorável Diana, que nunca aderi a chamar de Di mesmo apreciando ser Fi, percorreu sílfide o adro da igreja levando as alianças ao altar. Tocava a música com violino ao vivo daquele filme segundo o qual “amar é nunca pedir perdão”, escolhida por Maria Laura que o vira dezenas de vezes e chorara em todas, enquanto eu, solidário, chorava em algu-

mas. E naturalmente, como tem acontecido às *jeunes filles en fleur* de todas as épocas, em especial às que floresceram vendo o culto da mulher sensual em cores na tevê, Diana se transformou dos nove aos dezessete anos numa completa mulher com hormônios eriçados, essa que surgiu na minha casa pelas dez da manhã do sábado.

Fiquei inquieto na cama, pensava em Diana: na sua meninice travessa e nas suas pernas que eram vigorosas e precocemente chamavam a atenção de canalhas no parque. Minha futura sogra dona Márcia, preocupada, não a perdia de vista e convocava-me para ajudar na vigilância. Segundo Maria Laura, com ela infante também tinha sido assim, mas dona Márcia explicava que eram outros tempos então e menores os riscos. Estava aí um mistério: os novos tempos haviam contribuído para aumentar a atração de Diana ou Diana influíra nos novos tempos? Talvez ambas as coisas, simbióticas.

De minha parte me lembro que pensei o seguinte, e foi o que de mais escabroso me permiti em relação a Diana pré-escolar: “Bonitas que sejam as pernas de Maria Laura, as da irmãzinha têm alguma coisa adulta, um não-sei-quê chamariz de marmanjos safados”. Estávamos num parque e Diana deslizava gritalhona pelo escorregador, suas torneadas pernas abertas revelando a calcinha branca, enquanto a meu lado um barbado pai de filho e filha aguardava a descida dos dois distraindo-se calhordamente com a alheia cria – Diana, claro. Dona Márcia tinha razão: o mundo andava mais perigoso a cada dia e sua filhinha escorregava na direção do perigo. No que de mim dependesse para protegê-la e não para engrossar a horda dos hiantes, contasse comigo.

Mas agora, aos dezessete, deslumbrantemente mulher, quase dois centímetros maior que eu, era impossível olhar para Diana apenas com intenções protetoras. Perturbou-me saber que ela tinha um namoradinho do seu bairro e depois incomodou ainda mais, passado esse, ouvir que entrara em cena um sujeito pelos vinte e sete, dono de carro, frequentador de academia de ginástica onde conhecera Diana e sua amiga Jade, chamado Murilo. A esse, meu sogro vigiava, desconfiado do parecer de dona Márcia, que o achava bom moço, e indignando Diana que nascera para ser livre, intrépida toureadora de bons e maus.

Recapitulei isso na cama, informado de que Murilo trouxera Diana e sua bagagem para morar um tempo conosco, de que Maria Laura já fora apresentada a ele e eu logo o seria. Dormi, o *Estadão* aos pés na cama, os outros jornais no chão ao lado, Diana nas proximidades.

O sono de sábado, fechada a edição, era sempre tumultuado, um apagão inicial com jeito de desmaio, interrompido pela fome na hora do almoço, pois o estômago tem seu relógio. Dessa vez foi assim também, mas Diana povoou-me

a cabeça confusa. A Diana diagramada, formatada, de seios sinuosos e firmes, de pernas que já eram realização a inaugurar-se, merecedora de placa comemorativa como as obras públicas em véspera de eleição (metáfora sugerida ao sonho pela revista em preparo, com foto e legenda de rodovia superfaturada). Confesso ter sofrido uma poluição noturna ao meio-dia, o que seria de desconfiar se não me fosse comum.

Nada autoriza, portanto, a que se façam deduções precipitadas, embora compreensíveis na situação.

DIANA NO BANHO

O andar de cima do velho sobrado tinha esta disposição considerada da frente para o fundo: dois quartos fronteiros à rua, ambos com sacada sobre um quadrilátero de metro e meio que já fora jardim; um vestíbulo sem janela sacrificado em um terço pelo espaço da escada; o quarto maior, dos meninos, com duas janelas amplas e iguais voltadas para uma área cimentada não coberta e delimitada pelo paredão do vizinho; um corredor de três metros levando ao banheiro à direita e ao último quarto. Nesse, de tamanho apenas médio, dormia o casal Maria Laura e Luís Filipe. Dava vista para o quintal com banheiro de empregada e desfrutável pedaço de terra onde reinava uma mangueira mofina tendo banco de cimento ao pé. Na perspectiva dessa vista, à direita prosseguia o paredão e à esquerda morava Marfízia.

Havia outro banheiro no térreo da casa, que se usava pouco para banho porque era preciso atravessar a copa-sala, lugar em que se comia e se conversava muito mais do que na verdadeira sala, com janela de duas seções corrediças diante do quadrilátero de mato raso e florezinhas violetas e voláteis da entrada. Tinha essa sala por soberana atração o televisor, ponto central do lar pequeno-burguês; quando um veículo pesado passava na rua, ficava difícil captar o som e a imagem acusava transtornos. Tais veículos tinham o capricho de passar justo na hora da revelação novelesca, da má pessoa inesperada atrás da porta que se abre, ou da informação jornalística essencial. “Morreu fulano”, dizia o apresentador, e Fi distraído desviava-se do livro ou revista para a tela com som e imagem já embaralhados, sem lograr saber quem morrera nem de quê.

Está armado o cenário para um fato importante: o banho de Diana. Em sua família ancestral o banho era um rito quase religioso de que eu supunha Maria Laura a sacerdotisa, mas as premências do trabalho a mudaram e Diana, tornada mulher com os predicados aqui já insinuados, tomou-lhe o posto. Como eu dormia muito além de toda a população de São Paulo ao avançar das manhãs que adicionavam “feira” a seu numeral, acordei de maneira diferente

pelas oito horas na segunda-feira posterior àquele sábado. Maria Laura banhava-se, vestia-se e saía de casa às sete com os meninos rumo à escola deles e ao trabalho dela, produzindo um corre-corre já tornado habitual para mim, que o percebia apenas como evanescência agitada.

É conhecido o caso do faroleiro que, por dormir ao lado de um canhão com disparo em hora certa, só acordou, e assustado, numa aurora em que o disparo falhou. Um pouco desse mecanismo do cérebro se deu comigo, que continuei surdo às seis e quinze de certa manhã apesar do chuveiro ativado por Maria Laura, mas prontamente o ouvi ao ativar-se outra vez às oito, quando o faroleiro Fi mergulhava mais fundo no sono. Sinalizava-se com o chuveiro a presença de um corpo estranho no banho, o corpo de Diana.

Ouvi e dormi em seguida, com a facilidade que a hora me sugeria. Acordei de novo bons minutos depois, quinze?, vinte?, e o chuveiro ligado. Como esse ficava a centímetros da parede de lá do quarto e meu lugar na cama a seis palmos da porta do quarto e da parede de cá, o ruído tinha uma nitidez impossível de abafar cobrindo a cabeça com lençol. Além disso, um pobre-diabo como eu, que trabalhava até a madrugada para pagar o aluguel, sempre receava não ter com que pagar a luz. Pensei: “Diana, querida, eu te amo, mas será preciso tamanho banho?”

E imediatamente depois dessa declaração eivada de mesquinhez abri os olhos com a intensidade de quem quer furar barreiras. A metro e meio de mim estava Diana no banho!

Era uma porta antiga de casa antiga, a do quarto. Estava perdida a chave de sua fechadura original (perdiam-se muito as chaves nessa casa nesse tempo, mesmo as dos carros que felizmente sempre reapareciam). Instalamos um simples trinco e o famoso buraco da fechadura, que já então ia desaparecendo como dado da arquitetura e da bisbilhotice doméstica, resistia ali arredondado, embora eu planejasse pôr-lhe massa e pintá-la da cor de metal.

Nas noites de amor, Maria Laura ordenava a Luís Filipe que encaixasse uma tacha de cabeça grande e corpo curto no buraco, reservada para tanto no canto direito fronteiro do criado-mudo. Ajustava-se como se feita sob medida, mas ninguém na família olharia por buraco tal o escuro da alcova e só o extremo bom senso de Maria Laura a tornara indispensável. Assim se havia engendrado uma dessas pilhérias-código da intimidade conjugal, quando o marido dizia à mulher na cama: “Hoje é dia de enfiar a tacha?”. A pilhéria persistia havia anos, pois o plano da massa no buraco era desses que se postergam como a cárie num dente indolor, e já não sabíamos quem a inventara, mas receio que, dada a natureza elegante de Maria Laura, fosse da lavra de Luís Filipe.

Nessa segunda-feira acordou-me o chuveiro ligado, porém na terça o

que me acordou foi mais sutil, prova de que a sensibilidade se ia aguçando. Acordou-me o andar macio e ligeirinho de Diana para o chuveiro, e convenhamos ser isso ainda mais impalpável que a ervilha sob três colchões empilhados a impedir o sono da princesinha no conto de fadas.

Na breve estada anterior de Diana na casa, quando ela expulsou os insetos repugnantes e criou aroma de flores silvestres, seus banhos tinham-se dado no térreo, porque levantava muito cedo e não queria incomodar os outros; agora a casa esvaziava antes das oito e supunha-se que nem o silêncio do tiro de canhão, nem o tiro em si com ribombo dobrado, despertaria Fi antes das dez, portanto ei-la a caminho do chuveiro mais próximo e melhor.

Estava ali, nesse roçar de pés descalços (os maravilhosos pés pálidos de Diana com sua veia azul saliente que ela gostava de pôr em exposição e eu gostava de espiar), a evidência de que meu sono profundíssimo já renunciara em favor do sexto sentido de um autêntico guarda-noturno: acordei com a alegre, veloz e cuidadosa ida de Diana ao banheiro. A porta do quarto estava encostada, providência de Maria Laura ao sair, e de modo quase imperceptível fez um movimento de vaivém à sua passagem do corredor para o banheiro e outro no fechar da porta do banheiro.

O mais foi seu banho de artista de cinema (eu costumava dizer às crianças quando ali entravam: “Banho de soldado, não de artista de cinema!”), durante o qual só preguei olho para efeito de enganar a mim mesmo e pensei por cinco minutos na conta de luz, mas por quarenta e cinco na coisa sensual que devia ser a higiene de Diana. Toda a higiene, compreendendo o pré-banho, o banho e o pós-banho, nos quais devia irrigar e enxugar suas mágicas reentrâncias.

Na manhã seguinte e na seguinte a essa, acordei dez minutos antes que a pontual Diana, usuária de despertador com agudo toque de música, viesse rumo do banheiro no seu andarilhar descalço. Ela atravessava o dormitório maior onde ficavam as três camas paralelas das crianças, passava aos pés dessas e irrompia no corredor como quem dobra a esquina. Meu melhor ouvido sempre fora muito bom e bastava seu pisar leve no outro quarto para eu saber que vinha, confirmando isso graças a uma tábua meio solta no trajeto.

Nessas duas manhãs contentei-me com a ideia de que “Diana vem aí”, depois com a de que “está no banho” e enfim com “vai sair, saiu”, mas, como acontece nas relações de namoro, ao menos nas que ainda valiam no meu tempo, as ousadias de assalto masculino à cidadela feminina seguem uma escalada previsível. Desde que se tem disponível a mão “dela”, quer-se apalpar-lhe os seios, e se se chega aos seios quer-se alcançar com os dedos o macio e úmido do entrepernas e arrancar-lhe um orgasmo. Quando você consegue

isso, disse-me na adolescência o irmão mais velho de um amigo, a garota é sua e ela mesma inventa o que for gostoso, como a recíproca de dedos no mastro eriçado “dele” e tudo em decorrência, incluindo a participação bucal.

Vejam só, minha disposição onanista na cama à espera da visita de Diana ao banheiro faz-me antecipar atrevimentos que não ficam bem num pai de família. Mas isso é para chegar ao relato da baixeza de um sujeito que, estando deitado em tais circunstâncias e dispondo dessa coisa hoje inacessível, um buraco de fechadura, se decide a olhar por ele em busca de satisfações antes só proporcionadas pela audição de ruídos inocentes sobre os quais retrabalhava a imaginação, como as palmadinhas que ela se dava no banho para abrir os poros.

Primeiro fechei a porta com seu mísero trinquinho, segundo puxei o banco almofadado da cômoda, terceiro sentei-me nele com o olho na altura do buraco, podendo ficar em vigília quanto fosse preciso sem curvatura. Era aconselhável não abrir a janela de trás, que dava para o quintal, pois alguma sombra se faria no vão de baixo ou o olho vigilante arriscaria ser percebido do corredor. Cumpria aplicar o melhor olho ao buraco sem os óculos de míope, por cautela com o reflexo a causar e por ajuste do contorno do rosto ao recortado da porta.

Ouvi o toque suave do seu despertador às oito em ponto e, em menos de um minuto, a juvenil aproximação de Diana. Ela emergiu no corredor e parecia à vontade, com a camisola branca que eu conhecia aberta e oferecida. Mas o quarto das crianças e o corredor estavam escuros e tudo isso, a radiosa Diana seminua em seu despertar para o dia e a vida sensual, reduziu-se a um vulto esvoaçante, fantasmático, brevíssimo. Mais que o farfalhar da véspera, menos que um esboço sobre o qual pusesse nuances a imaginação. Voltei a deitar e adormeci sem outras cogitações, nem quanto à conta da luz ao zumbir do chuveiro.

Tomei a providência na manhã seguinte, ao levantar para xixi pelas sete e meia, de abrir uma janela no quarto das crianças, acender a luz do corredor e assim deixá-la: já admitia ganância de moto próprio. Era fraca essa luz mas suficiente e, quando Diana surgiu, foi visível como merecia, ou eu merecia, embora de modo nenhum no à-vontade que o vil cunhado desejava. Veio com sua usual camisola clara lustrosa, mostrando os joelhos magníficos e o rego do colo sinuoso, o que era apreciável surpreender assim apesar de já me ter sido servido no café da manhã de domingo em mais detalhes e melhores condições.

Boa menina, ela se deteve no corredor, na procura do botão para apagar a luz, hábito que a convivência com o pai sovina tornara automático. Como

na sua casa tomava o banho longe da espreita dele, na suíte trancada de seu quarto, já não tinha aí a disciplina da brevidade e sim o gosto da higiene langorosa de *starlet*.

Voltei para a cama e quis dormir, nada disposto a esperar que saísse e me fosse proporcionado espionar o *derrière* compensador: ela haveria de ser recatada na casa dos outros, cônica de que não valia a integração de banheiro e quarto como peças suas e nuas (nuas entra aqui por eufonia e euforia de assim vislumbrá-la).

Quis dormir, não dormi. Enveredei por um rosário de autoacusações, à maneira do que fazia na infância quando antes de adormecer me impunha o dever das rezas recomendadas por minha mãe, contra a vontade de ir ao léu de outros pensamentos. Se ao menos eu fosse um monstro de obsessões e taras recolhidas, acusei-me, mas não. Sou um pequeno canalha que se entretém nessas tolices talvez por influência de filmes vistos, de livros lidos – *Complexo de Portnoy*, de Philip Roth, por exemplo, que além de espionagem em fechadura inclui masturbação com luva de boxe, de que, diga-se a meu favor, permaneço incólume ainda hoje.

Naqueles dias a televisão e os jornais tinham noticiado o caso do guarda de um prédio (ora, vejam, de novo um guarda-noturno) que violentara e estrangulara uma jovem moradora trazida ali e deixada na portaria pelo namorado. Eu estava longe de uma coisa horrenda assim, mas também tão longe que me reprovava por isso. Tudo fazia supor que o monstro investira sobre a moça com o instrumento da sua paixão enorme e ereto, a ponto de se encontrarem no local sinais de esperma; e, no ímpeto incontrolável, de tal maneira se agarrara ao frágil pescoço que a estrangulara.

Talvez, eu me acusava, se fosse levado por inconcebível maluquice a um ataque desse tipo, não seria com instrumento ereto nem enorme, e o esperma que achassem não passaria do cuspe viscoso de um gozo em vômito. E o pescoço delicado, ponto fraco que levava ao óbito, mais deveria a desgraça a um desazo que à libido desenfreada do atacante. Em suma, eu me queixava de ser submonstro, monstrinho súcubo, desajeitado, fantasma da ópera trapalhão, sujeito a despencar dos urdimentos em cena aberta.

DIALOGOS

Uma colega de repartição pública (nisso também atuei) disse certa vez aos outros que eu tinha “boa índole”, que tinha “berço”. Eu cedia a precedência na porta aos mais velhos, apanhava do chão o papel que alguém ou o ventilador derrubava e principalmente ouvia o que os veteranos tinham para contar de seu brilhante passado. Boa índole já não andava na moda mas havia quem

a apreciasse por ter sido desse tempo, e passei meus dias e anos desde então acreditando naquilo. Fui chefe, espécie de subgerente ou subeditor em empresas privadas, e me orgulhava de pensar que a boa índole me fazia incapaz, por exemplo, de demitir colegas. Ora, um chefe que não demite, não tarda que o demitam.

Quando adolescente, ouvi dizer que meu avô paterno matara um homem na sua impetuosa idade do lobo. Perguntei à mais velha das minhas tias se era verdade o que contavam do seu pai, ela explicou: “Não, só o que ele fez foi segurar o sujeito pra outro enfiar a faca”. Ele era bom e minha índole afável, portanto, era do sangue.

Assim sendo, não se há de imaginar que eu alimentasse planos sinistros em relação a Diana. Nos seus seis anos ela constara como o meu “xodó”, era voz corrente na família, e a garotinha para sempre perdida, que tinha pernas quase adultas, teve-as adultas aos treze, que culpa me caberia?

Se a visse nua no corredor, sozinhos ambos na casa, se a visse no banho por malícia de um vento escancarando a porta, não arriscaria nada, desviaria os olhos com recato de tio honesto, se ela estivesse ciente de ser vista. Mas sejamos francos: vê-la escondido, vê-la *voyeur*, vê-la covarde, isso eu me permitia e era abominável. Como meu avô, que rondava viúvas na cidade interiorana segundo todas as tias confirmavam e que apenas segurara para outro enfiar a faca, eu consentia numa infâmia milenar, a de Onã ao buraco sorrateiro em que olhava.

É odioso também, pensei na cama, que um homem tal como deve ser cobice a cunhada. Talvez todos os que têm cunhada cobiçável o façam, mas do modo que Sancho Pança formulava como “debaixo do meu manto ao rei mato”, ou seja, no recôndito da imaginação tudo se permite. Mas se ele se vale de uma falha na porta, se acende a luz do corredor, se puxa um banquinho para montar vigilância, eis o vulgar, o infame.

Vá lá que, enquanto se espera no consultório dentário fingindo ler uma daquelas revistas sebosas, se arrisque um olho às pernas cruzadas reveladoras de calcinha branca da cliente em frente. Vá lá que num ônibus ou no metrô, por cima de um desses mirabolantes decotes que hoje as mulheres usam e que ao tempo desta história ainda não usavam... vá que se seja xereta e se contemple um bico de seio ao preço de uma passagem. Afinal, quem põe decote que revele um bico ou dois em meio à plebe rude não há de fazer isso apenas para refrescar-se – quer-se contemplada no bico.

Mas a cunhada temporã? A cunhadinha que ontem ainda, isto é, doze anos atrás, se aninhava no colo do noivo bom caráter para ver Tom e Jerry?

Existe uma tradição até bíblica de cobiçar a mulher do próximo, ou a

mulher próxima: a mulher do irmão, a do vizinho, a colega de escritório, de profissão, de religião. Paixões reais, senão fornicções reais, ocorrem em torno de todo set de filmagem para cinema e telenovela, dado que as imaginações se incendiam e a ocasião que faz o ladrão favorece levar a cabo sem câmaras o que é fingido na presença dessas. Tem-se uma deliciosa profissão, a de encenar amor com parceiros cujo charme encanta multidões: como não transportar isso que o país aplaude, o mundo aplaude, ao aconchego de uma cama em que tudo pode, sem censura, sem estética, sem vergonha?

A literatura já vastamente se ocupou do amor que a proximidade inspira: a tia ama o sobrinho na *Cartuxa de Parma* e no *Vermelho e negro* a patroa ama o preceptor de seus filhos. O melhor amigo de Bentinho provavelmente fez o filho que ele e Capitu tiveram. Eça de Queirós criou um amor carnal de irmão com irmã nos *Maías* e Nelson Rodrigues assim como Dalton Trevisan retratam patifes que babujam cunhadinhas. Há uma esposa de general na tragédia grega que se arrebeta de fúria erótica pelo enteado e há Humbert Humbert de Nabokov que, casado com a mãe de Lolita (na verdade, casado porque Lolita existia), sai em viagem de cópulas destrutivas com a ninfeta assim que a mulher lhe faz, a H.H., o favor de morrer atropelada. Há Woody Allen abandonando Mia pela filha adotiva desta. Há Basílio também de Eça seduzindo a prima Luísa no seu lar de mulher casada. Aliás, primos viviam outrora e vivem agora se casando com primas e muitos enviuvados casavam e casam com a irmã da finada esposa ou o irmão do finado esposo. Enfim, há muito de tudo isso na memória de toda gente, quando não na história de toda família.

Tais considerações poderiam ser uma boa desculpa e certamente de algum modo eram, mas naquela manhã fiz o propósito de tratar Diana como ela merecia e eu passava por cumpridor. Incluí nos planos comprar a cera e a tinta cor de metal para tampar o buraco, só não admitindo solução melhor, de porta ou fechadura nova, porque a casa era alugada. Considerei a hipótese de lhe dar um presente de desagravo, algo gentil, quem sabe um livro, de livro entendendo um pouco. Fiquei cheio de ternura pela moça ultrajada, disposto a protegê-la de condições drásticas em que, por exemplo, o namorado Murilo a forçasse, lhe apalpasse os peitos, lhe abrisse as coxas, puxasse braguilha fora seu mastro pomposo e... Ali estava eu imaginando outro no exercício da perversão que a mim me proibira. Atribuindo ao mastro alheio o que ao meu se vedava.

Passei toda aquela quinta-feira, sexto dia de Diana em casa, construindo castelos de areia que tinham por habitantes ela, a flor do Nhocuné, e eu, o cavalheiro da triste figura. Dulcineia e Quixote. Na manhã da sexta entrei no

banheiro logo depois da sua higiene suntuosa e dei com uma calcinha esquecida no chão do boxe, torcida, lavada, recém-expungida de suas meigas emanções. Ela com certeza viria apanhá-la em minutos confiada em que eu ainda dormia, cheguei antes. Peguei a calcinha, naturalmente a cheirei, longamente a cheirei, novamente a cheirei, carinhosamente a esfreguei no rosto e a torci mais sobre a boca voltada para cima, bebi o que pingou, um pingo único. Estava sozinho, a porta do banheiro trancada, a cortina do boxe corrida. Debaixo do meu manto ao rei mato.

Quando raiava o sábado na redação da revista, apenas com rescaldos de pequenos textos para ler, olhando o rio à frente do prédio e ao longe a cidade vertical, seus edifícios e torres na região da Avenida Paulista, senti a promessa de um dia no azul e também o involuntário enrijecimento matutino já reportado. Ele vinha sem que tivesse por intenção dar-lhe serventia de intercurso, mas pus-me a fantasiar que Diana naquele instante saía da cama mais cedo na intenção de visitar os pais no Nhocuné e se fechava no banheiro. Eu, num voo de helicóptero sem helicóptero, de super-homem ou de teletransportado, saltava a Paulista, surgia naquele banheiro com os cuidados de saber que a dois metros dali dormia Maria Laura, e abraçava Diana nua no banho.

O rapaz da arte entregou uma última legenda. Li: “Fi fode Di”. Sintética porque sob foto mínima, ocupando metade de uma coluna. Desse modo meus propósitos de bom moço se confundiam no delírio insone de mais uma escandalosa revelação segundo a qual um político fodia a nação, com esse verbo chulo incluído para foder deveras.

Submeti todo o escrito aí de cima (feito ao computador, portanto “de cima” mesmo na rolagem da tela) a um amigo jornalista leitor de romances. Ele me incentivou a continuar, afinal foi escolhido pelo autor também para isso, mas, como insisti em que apontasse defeitos, queixou-se com cautela de uma certa complicação de frases, que poderiam ser mais curtas, objetivas.

– Não se trata de jornalismo, eu entendo – disse o amigo. – Mas repare que no mundo de hoje não se fala e mesmo não se escreve com preocupação de elaborar. Você usa palavras que eu conheço quase todas, só que me forcem a lembrar do que significam. Isso eu, que lido com palavras e gosto delas; imagine o leitor comum, até o acostumado a ler os livros de ficção que são feitos neste país. Os escritores hoje reproduzem a fala do povo e ela não é assim. Nesse contexto você insere palavras que talvez sejam, não afirmo que são, tentativas de quebrar a elaboração por via do baixo calão. Acontece que o baixo calão calha mal e a elaboração sobrenada.

Fiz um esforço para melhor entender a frase final do argumento, essa também elaborada de maneira que me supus acusado de escrever “sobre nada”, e respondi:

– Mas a elaboração é um requisito da literatura e eu quero fazer literatura.

– Os bons escritores de hoje também querem e fazem. Acontece que não se pode fazer como no século XIX.

– Foi o século do esplendor do romance. Balzac, Stendhal, Flaubert, Dostoievski, Machado, Eça...

– Sei, sei. Mas me entenda: mesmo esses, se escrevessem hoje...

Por aí fomos, cada um com as suas razões. Prometi-lhe mexer em alguma coisa, adivinhando porém a dor de renunciar a adjetivos e verbos pelos quais me felicitara ao partejá-los ou pari-los.

– Já que você me pede pra ser sincero, tem uma coisa que, acho, vai afastar seu livro do leitor atual – disse meu amigo e tive um leve choque, de quem teme o defeito sem remédio, o diagnóstico de que é inevitável extirpar e não tratar. – Você descreve seu herói como enfiado em si, monologando sempre. Ora, o leitor hoje quer diálogos, exige diálogos. Ele pega o livro e o folheia assim... [folheou um que estava à mão] sabe para quê? Para ver se tem diálogos. Todo autor americano sabe disso, todo brasileiro da nova safra, até da velha, sabe. Você não sabe?

Eu sabia, claro. Fiz uma peça de teatro nunca encenada, lida por poucos, mas bastante para demonstrar que não sou contra diálogos. Sei que aquele cliente da livraria *mega-store* talvez deixe de comprar meu livro (na hipótese otimista de que se torne de fato livro e superotimista de que a *mega-store* admita expô-lo em seu espaço precioso reservado a estrangeiros e consagrados) devido ao fato de que nas quinze páginas iniciais não há diálogos. Mas sou orgulhoso, não vou rolar o escrito para trás e inventar diálogos. Vou é suprimir um que lá está isolado.

De qualquer forma, doravante prometo mais diálogos.

LIMITAÇÕES DE UM NAMORADO

Diana fazia cursinho para vestibular de manhã e à noite. O namorado Murilo a apanhava na saída da escola noturna e a trazia para casa. Chegavam antes das onze e o rapaz foi ficando não digo meu amigo e sim uma presença frequente. Na época os casais muito jovens já transavam com facilidade, mas não desse jeito sem culpa que agora prevalece, quando a moça é recatada por “dar” só no segundo encontro. Eles então precisavam convencer-se de que se amavam e outras lorotas, a moça negaceava por algum tempo, ao menos a moça do

Nhocuné aspirante a classe-média. Maria Laura, por exemplo, que daí veio, só o fez meses depois, ainda assim porque o úisque da festa a que tínhamos ido era porreta.

Estou convencido, embora não jure com a mão sobre a Bíblia ou o fogo, que Diana chegou em minha casa aos dezessete anos ainda virgem. Tem cunhado-tio que é cego, e talvez seja especialmente quando espreita a sobrinha pela fechadura.

O rapaz era quase alto, forte, aparentava boas condições de progredir na vida, mas eu tinha um gosto de avaliá-lo medíocre, talvez porque não adivinhasse nele inquietações existenciais, dúvidas metafísicas e mais filosofias que contribuíram para elevar-me ao patamar de revisor. Suas opiniões, eu achava, eram as de um arrivista padronizado, dos que às dúzias pululam por aí.

– O senhor aprecia esses faroestes de hoje, devagar-quase-parando? – ele me perguntou, repetitivo no “senhor” apesar de por mim já dispensado disso.

Eu me sentia inclinado a exhibir tédio em monossílabos como resposta, mas Diana ali o instalara e me inspirava.

– Veja bem, hoje os faroestes não podem ser apenas tiros, socos e beijos, mocinhos e bandidos, índios e caras-pálidas – lhe explicava, com vontade de usar a impressionante palavra “maniqueísmo”, eficaz nos debates do cineclubes anos antes frequentado. – Hoje, em todos os gêneros do cinema, não só no faroeste, ninguém é inteiramente o que parece. O assassino, o gângster, o *serial-killer*, assim como os honestos e santos, todos têm uma face oculta, para melhor quando maldosos, para pior quando bondosos, enfim para o diferente e o complexo. Mesmo um monstro, já não é apenas monstro. [Fiz o gestual de um frankenstein que subitamente enternece.]

À época não haviam criado o caubói gay, não sei se sequer a palavra gay com esse sentido, e é evidente que me teria valido da colorida categoria na argumentação.

– Os filmes hoje – eu continuava – até acabam sem que se perceba que vão acabar. Antigamente soava uma música e sabia-se, Carlitos de braço dado à namorada pela estrada, *The end*. Hoje entram as legendas finais quando menos se espera.

– Pior que isso – ele respondia. – As legendas rolam, a gente se levanta e o público metido a besta reclama, quer ler as legendas! Vá a cinema fino da Paulista, o público faz questão das legendas! E são legendas infinitas, molengas, põem nelas até o nome do entregador de pizza para a mãe da mocinha! Não o entregador que aparece no filme, mas o que levou a pizza no intervalo da filmagem! Aparece lá escrito: “boy of pizza”, e ninguém viu o boy.

– Isso é mentira! – riu Diana, para incentivar o escasso senso de humor do moço.

– É mesmo – incentivei do meu lado. – Confesso que também sou um maníaco por legendas e me irritam as tão rápidas que não se permitem ler. O que importa porém é o personagem no cinema de hoje. Ele já não é bom nem mau, como na vida. O maniqueísmo, entende?, esse acabou no bom cinema de agora.

(Empolgado como fiquei vendo que Diana movia a cabeça a meu favor, enfim cometi o maniqueísmo.)

O rapaz ouvia, com certeza não concordava, talvez achasse que concordar ou discordar fosse o mesmo, ignorava regras senão a existência de debates de cinema. Passados alguns dias, voltaria a dizer que os faroestes de agora são uma chatura.

Já Diana, sem dizer nada que marcasse posição na amena pendenga, comunicava-me por telepatia sua adesão ao que eu dizia e isso era doce.

Conforme a noite avançava, baixava um sono invencível na madrugada Maria Laura, ela dormia um pouco, se despedia e subia. Meu sogro e minha sogra haviam recomendado que não se deixasse na sala o casal sozinho e eu declarei a Maria Laura, intermediária da diretriz, que não me prestaria ao papel de “fiscal de genitália”. Só que Diana insistiu com a irmã não se tratar disso, que eu devia ficar ali numa boa; se saísse lhe doeria estar causando a Fi um constrangimento horrível – bem entendido, horrível para ela por saber que o causava. Hoje em dia os lares mesmo pobres têm televisor também no banheiro, na frente da latrina, mas então tínhamos um único até comprar outro minúsculo para o quarto.

Entre ficar e não ficar, continuei ficando e às vezes fingia ligeiramente dormir – claro, atento à genitália. Pelas onze e quarenta e cinco, sempre antes da meia-noite, o rapaz se despedia e era brusco nisso, de repente se punha em pé. Diana o acompanhava à calçada, entrava de volta, tomava café com leite e dizia um boa-noite-Fi que eu aguardava e a que respondia caprichando na modulação de inteira camaradagem. Ela subia propondo-se que seria maravilhoso se Murilo, belo rapaz, tivesse o espírito de Fi, o intelecto de Fi, a leitura de Fi, a dialética antimaniqueísta de Fi. (Ou Fi pensava, num desses voos fantasiosos vagabundos e inconfessáveis a que estamos sujeitos, que ela “poderia” pensar isso.)

Entre as limitações do rapaz estava a de não apreciar futebol. Nas primeiras vezes em que o casal chegou e se acomodou no sofá-de-dois, tive o gesto hospitaleiro de, acabada a novela mais tardia, passar a Murilo o controle e insistir em que escolhesse o programa, pois qualquer um me fazia gosto e eu

me ocupava também de ler o jornal. Ele se pôs a “zapear” e ei-lo diante de um jogo de futebol por mim esquecido para aquela noite. Considerei debaixo do meu manto: “Ora, vejam, está aí o que me apraz, o futebol, e certamente empolga esse singelo tipo inculto, corintiano por herança de pai e avô”.

Embora também corintiano, vejo arte no esporte, vejo paixões a revelar-se no correr da partida. O futebol, dizia Anatol Rosenfeld, mestre judeu-alemão de estética refugiado no Brasil, traduz a habilidade de pernas e pés, partes vistas como elementares do corpo humano. Quando o homem quer manifestar ódio ou desprezo por outra pessoa agride-a com o pé, com pontapé, sendo isso mais hostil do que o soco ou o tapa que a mão dá. O jornalista iraquiano que arremessou dois sapatos no presidente Bush gritava-lhe “cachorro!”, ou seja, queria dar-lhe pontapés. Porque um ser inferior, um cachorro, reprime-se com o pé; uma barata mata-se com o pé na falta de tubo espirrante, mesmo que esteja na parede ao fácil alcance da mão. (Quando se está com chinelo prefere-se erguer o pé a chinelar com a mão, menos um amigo meu que nunca pisa no bicho porque o estalo esmigalhante lhe atrapa-lhará o sono.)

Enfim, mestre Anatol, cujo rigoroso pensamento espero não falsear e que naturalmente disse isso muito antes dos sapatos em Bush, teorizava que o futebol dá aos pés nobreza de mãos, ideia reafirmada pelo poeta João Cabral.

Mas ao que quero chegar é a este despropósito: Murilo, o belo rapaz de origem plebeia, quando surgiu na tela um jogo de estádio cheio e locutor apoteótico bandeou-se ou zapeou-se para um programa de auditório da pior espécie, desses que emburrecem os já burros que os procuram. Não digo que riu, que se embalou com as músicas, nem mesmo que pôs atenção no mostrengo, mas digo e repito que nele ficou, depositando no braço do sofá o controle como quem alcança seu desiderato.

Ficamos os quatro ali vendo a porcaria; ou melhor, os três, pois Maria Laura logo dormiu e num arranque se foi. Quanto a mim, que suspirava pelo futebol, estaria de fato aborrecido, entediado, puto nas calças? Não: estava feliz. Feliz na certeza de que o rapaz era uma bela besta.

Quando afinal ele resolveu ir-se nessa noite que era das primeiras na casa de Fi e Mari e devolveu-me o controle, esperei que saíssem para a despedida ao portão da rua e fiz um zape rumo ao futebol, suficiente para ver o árbitro levantar os braços no apito derradeiro. O Corinthians tinha perdido quase de goleada e, dada a minha condição de corintiano, não ter visto tal vexame deveria ser um consolo ao suplício do programa burrificador. Ocorre porém que gosto de ver meu time perder, pois atijo a raiva recolhida dos dirigentes, do técnico e dos jogadores que tornam possível o fracasso. São

requintes de um torcedor. Murilo jamais os teria, incapaz que era da fraqueza de amar o futebol e amar um clube, como fazem os bons brasileiros. E se amasse, seria à sua maneira de cidadão da massa corintiana, entristecendo na derrota, inchando a cabeça, consolando-se na cachaça. Não como eu, que, corintiano, goza com as desventuras do Corinthians.

Será por complicações assim que meu amigo me critica nesta tentativa de escrever romance? Ora, são complicações de toda a gente! Eu gostaria que não fossem, isso me daria exclusividade, mas são, são.

GEMIDOS

Já na quarta noite em que a família expandida assistiu televisão e Maria Laura partiu antes para o leito, o casal se beijou. Foram beijos furtivos, desses que os namorados em primeiras explorações diante da família se dão para demonstrar um ao outro que se gostam. Hoje em dia essa fase está encurtada senão abolida e no tempo em questão já estava, mas a presença do dono da casa os inibia por mais que este posasse de “não estou nem aí”.

Rapidamente, com uma pressa dir-se-ia excessiva, os dois evoluíram para beijos demorados, solicitantes de línguas ávidas. Como nas noites de quinta e sexta eu me ausentava devido à fase aguda de fechamento da edição, é provável terem essas bastado para, na vigilância sonambúlica de Maria Laura ou na sua debandada prematura contrária às coordenadas do pai, os pombinhos aprofundarem sua relação ansiosa de emoções fortes.

O fato é que, na outra segunda-feira, mal terminada a novela, nesse episódio com alto índice de audiência porque a personagem bondosa de mulher entraria em briga corporal com a malvada (Maria Laura: “Hoje eu não prego o olho de jeito nenhum”), atracaram-se os espectadores namorados num frenesi que talvez a tensão novelesca tivesse aumentado. Eles se beijavam e Diana erguia a mão como se num movimento a que não pudesse pôr freio, a mão ensaiava segurar o queixo do rapaz, mergulhar-lhe nos cabelos, baixava e iniciava outra subida. Fi e Mari, inspirados pelos brutalismos da ficção e sensualismos da carne real que acabavam de testemunhar, foram ambos depressa para a cama, não para dormir e sim para ajustar a tacha. Abandonaram à própria sorte o casal embaixo. Houve vibrações simultâneas nos dois pavimentos.

Seria leviandade minha afirmar que nessa noite se deu a iniciação de Diana. E leviandade presumir que, mesmo sem iniciação, eles tivessem passado do sofá-de-dois para o de-três. Pode ser até que a estreia dela já tivesse ocorrido num *drive-in*, num motel, numa rua perdida do Nhocuné no assento

traseiro do carro em hora quase morta. Mas dificilmente se daria essa hipótese: a memória do guarda a barbarizar a moça do prédio era recente, assim como outras reportadas pela tevê com volúpia dia sim, dia não. O que houvesse nesse caso para temer não seria uma fúria lúbrica de Murilo, é evidente, mas os arcanos da rua perdida com seus tarados desde sempre previstos por minha sogra.

Não se pense que o charme de Diana vinha de uma tendência antigamente chamada “doidivasas”, oh não. Nascida muitos anos depois de Maria Laura, quando pai e mãe pareciam ter desistido de fazer filho e até de fazer sexo (eu suporia mordaz e tolamente se lá já frequentasse), ela chegara na forma de uma bênção dos céus, revelara-se na maternidade um bebê angelical e correria para o portão da casa, na primeira tarde-noite em que Fi aportara esfalfado por rodar sem rumo, como um milagre nos seus seis anos, os cabelos saltitantes, o riso solto, as pernas irrequietas na sina de machucar-se muito para sarar mais lindas. E, como está escrito no começo daqui, deu-me a mãozinha quando fomos com seu Jojô percorrer a casa, que tinha uma suíte e depois teria nessa uma suntuosa e absurda banheira. Ao reivindicar a banheira na pubescência, ao tornar seu banho um ritual de fascinação, Diana lançara os moldes da teia em que Fi se enredaria.

Cercada de cuidados obsessivos – da mãe, que buscava prever as mil armadilhas do mundo; do pai, que trabalhava na polícia em função burocrática e assimilara as desconfianças do ambiente; da irmã, ajuizada a ponto de, quase noiva, sentindo os hormônios fervilharem, pedir autorização para “fazer amor com Luís Filipe” no lar –, Diana quis cumprir o destino cauteloso que a família lhe indicava, mas algo nela atrapalhava. Não nascera para isso, sua natureza era rebelde, romântica, aventureira, quase eu diria stendhaliana de Clara Conti e Vanina Vanini. Sim, por mais que os arcanos assustassem mãe e primeira filha, a segunda poderia desafiá-los.

Então, como se explicava o namoradinho convencional, o carreirista Murilo que poucos anos depois, quando o telefone celular começou a aparecer e se tornou um fetiche de gerentinhos, o usaria até no almoço dominical do Nhocuné para comunicar-se num inglês porcalhão com outros da sua laia, em Estocolmo ou Santa Bárbara d’Oeste? Enfim, não é de anos posteriores que quero falar agora.

Quero falar dos gemidos de Diana.

A cena já é conhecida: no sofá-de-três, espaço da esquerda, Fi, a seu lado alguns jornais e, no espaço da direita, Maria Laura; no sofá-de-dois ou poltrona dupla ou como se chame isso, fazendo ângulo reto com o de-três, Murilo e Diana; todos diante da televisão. Quando sozinho, Fi tem o hábito de ler jornal com essa ligada e se julga polivalente a ponto de captar o essencial

CONTINUA NO LIVRO...

Verão, 2010

Esta obra foi composta em Agaramond
sobre papel Pólen Soft
para Ficções Editora Ltda.
www.ficcoes.com.br